

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS**

**GABRIELA DUZZIONI PINHEIRO**

**A CRIANÇA E O DESENHO: PENSANDO A NÃO CONSTRUÇÃO DE  
ESTEREÓTIPOS NAS AULAS DE ARTES.**

**CRICIÚMA/SC**

**2018**

**GABRIELA DUZZIONI PINHEIRO**

**A CRIANÇA E O DESENHO: PENSANDO A NÃO CONSTRUÇÃO DE  
ESTEREÓTIPOS NAS AULAS DE ARTES**

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato

**CRICIÚMA/SC  
2018**

**GABRIELA DUZZIONI PINHEIRO**

**A CRIANÇA E O DESENHO: PENSANDO A NÃO CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NAS AULAS DE ARTES.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

**Criciúma, 23 de Novembro de 2018**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora - (UNESC) – Orientador

Prof<sup>a</sup>. Ma. Édina Regina Baumer – Mestre em Educação - (UNESC) – Banca  
Examinadora

Prof<sup>a</sup>. Odete Angelina Caldeiran - Mestre em Artes Visuais - (UFSC) – Banca  
Examinadora

**Dedico este trabalho a minha amada avó,  
amigas de curso e a minha orientadora  
Aurélia.**

## **AGRADECIMENTOS**

Gratidão é a palavra chave dos meus agradecimentos. Sou grata primeiramente a Deus, a minha família e amigos que me apoiaram em todos os momentos nesta longa caminhada, em especial minha avó (Pedra Gonçalves) pela sua compreensão por muitas vezes fazer o máximo de silêncio, desligar o rádio, abaixar o volume da televisão e falar baixinho no celular. Agradeço a Universidade por colocar pessoas maravilhosas como minhas amigas de curso que agora são para a vida (Andressa Araújo, Camila Elias e Vitória Monteiro), pelos surtos juntas, pelos risos dos perrengues que passamos, porque chorar jamais! E ao amigo (Juliano de Campos), por me proporcionar sábias palavras para eu manter calma quando encostava os fios. E a outras inúmeras pessoas que estiveram do meu lado nesse período de escrita da minha pesquisa.

A minha orientadora prof<sup>a</sup> Aurélia Regina de Souza Honorato, pela sabedoria e paciência, e a secretária da Coordenação do Curso de Artes Visuais (Rose Ricken), anjo que sempre me mostrava à luz nos perrengues dos Estágios Obrigatórios.

Agradeço aos meus colegas de curso por aturar minha cara de 'nojo' nesses quatro anos de caminhada juntos, que graças a Deus chega ao fim. Que um ciclo se feche para que outro se inicie.

**“Toda criança é artista. O problema é permanecer artista depois de crescer.”**

**Pablo Picasso.**

## RESUMO

Esta pesquisa surgiu a partir de observação das crianças no estágio não-obrigatório da graduação, no CEIM (Centro de Educação Infantil) Eng. Jorge Frydberg, localizado na cidade de Criciúma, e situações lembradas por mim quando criança. O objetivo geral desta pesquisa é perceber se existe ou não o desenvolvimento de estereótipos nas aulas de Artes do Ensino Infantil e do Ensino Fundamental I. Juntamente com os específicos que são: olhar para metodologias de ensino da arte que promovam a não construção de estereótipos; discutir a não construção de estereótipos no ensino da arte no Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, assim como desenvolver estudos teóricos que apontem as potências do desenho no Ensino Infantil e Ensino Fundamental I e o espaço da imaginação das crianças. Para tanto trago como base teórica os autores Barbosa (1995), Cohn (2005), Derdyk (2015), Ferraz e Fusari (2009), Honorato (2007), Leite (2004), Lipmann (2008), Picosque e Guerra (1998), Miziescki (2015), Pillotto e Mognol (2007), Pillotto e Schramm (2001), Gonçalves (2010), Proposta Curricular de Santa Catarina (2014) e Lei das Diretrizes e Bases da educação Nacional (9394/96). A problemática desta pesquisa se dá na seguinte forma: quais as possibilidades da não construção de estereótipos nas produções artísticas das crianças? O procedimento metodológico se caracterizou pela coleta de dados nas observações de aulas de Artes no Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, com o foco na análise do desenvolvimento ou não de estereótipos nas produções dos alunos. No decorrer da pesquisa trago também experiências minhas como estudante da Educação Básica e como estagiária na graduação. Os resultados apontados indicam sobre a importância do desenho e do estímulo à imaginação na vida das crianças, assim como a potência da disciplina de Artes nas salas de aulas.

**Palavras-chave:** Ensino da Arte. Estereótipos. Desenho. Criança.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Homem de camisa regata com imagens pictográficas.....	19
Figura 2 – Professora contextualizando o assunto.....	30
Figura 3 – Obras de Rodrigo Rizo expostas na parede.....	32
Figura 4 – Produção do aluno.....	33
Figura 5 – Produção do aluno.....	33
Figura 6 – Produção do aluno.....	34
Figura 7 – Menina observando as figuras na parede.....	35
Figura 8 – Fazendo o roteiro.....	37
Figura 9 – Composição dos quadrados.....	38
Figura 10 – Produção da história em quadrinhos.....	39
Figura 11 – Materiais sobre a mesa.....	41
Figura 12 – Produção do aluno.....	42
Figura 13 – Produções dos alunos.....	42
Figura 14 – Produção da aluna.....	43



## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2.ENSINO DA ARTE E AS CRIANÇAS .ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>	
<b>3. DESENHO E CRIANÇA .....</b>	<b>15</b>
3.1 ESTEREÓTIPOS .....	15
<b>4. AULAS DE ARTES E NÃO CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS.....</b>	<b>26</b>
<b>5. OBSERVAÇÕES REFERENTES A SAÍDA DE CAMPO .....</b>	<b>29</b>
ESCOLA I .....	29
ESCOLA II .....	36
ESCOLA III .....	39
<b>6. ANÁLISE DE DADOS: O PROFESSOR DE ARTES E O ESTEREÓTIPO EM SALA DE AULA.....</b>	<b>49</b>
<b>7. RODA DE CONVERSA.....</b>	<b>49</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>509</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO DE USO DE FALAS.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA.....</b>	<b>534</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Durante minha caminhada como estudante, no Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, sofri uma forte influência com os estereótipos impostos na minha educação. Meus desenhos sempre eram a casinha com a chaminé, a árvore verde com a maçã vermelha, sol amarelo, nuvens azuis e pássaros em forma de 'M'. No máximo um mar azul, uma ilha no meio e um coqueiro. Tudo que saía fora desse comodismo era motivo de desespero, porque não sabia fazer o que imaginava que fosse "o certo". Durante muito tempo tive o bloqueio de produzir arte e conseqüentemente levei este bloqueio comigo para o Ensino Superior.

O meu ingresso no Curso de Artes Visuais da UNESC me fez abrir os olhos e a mente para este assunto que tanto me atormentou durante a minha caminhada estudantil até a universidade. Pude perceber que não tinha senso crítico e nem autonomia sobre minhas próprias produções e muito menos sobre as variadas linguagens das artes. Sentia-me presa a algo que não me deixava sair do comodismo por medo de tentar e estar errada. As produções dos colegas de curso sempre melhores do que as minhas, porque conforme minhas concepções eles pareciam saber desenhar mais que eu, eram criativos. Vivia nessa comparação de que o meu nunca era bom ou bonito o suficiente para estar em um curso de artes, porque as pessoas que estavam à minha volta faziam melhor.

Quando me deparei com a disciplina de Desenho Contemporâneo na 5ª fase do curso, todo aquele conceito de desenho perfeito foi desconstruído. Deixar o lápis e o papel de lado foi a chave para abrir aquelas correntes que me mantinham presa ao estereótipo.

A graduação me abriu portas para o estágio não obrigatório<sup>1</sup> que foi onde revivi aquela situação em que eu não sabia fazer "o certo", e isso me levou a investigar, por meio da Pesquisa de Conclusão do Curso, algumas possibilidades de evitar que isso permaneça nas salas de aula, principalmente nas Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, que é onde a imaginação da criança é potência para não permitir que a construção de estereótipo aconteça.

Durante meu estágio não obrigatório na Educação Infantil, percebi a presença muito forte do estereótipo, principalmente nas atividades de desenho, onde a ação

---

<sup>1</sup> CEIM (Centro de Educação Infantil) Eng. Jorge Frydberg, localizado no Bairro São Cristóvão em Criciúma – SC. Estágio não obrigatório no ano de 2016, no grupo 5B com crianças de faixa etária de 4 e 5 anos.

de copiar de algo já pronto se tornava mais fácil e seguro de não cometer erros. Na minha percepção, estas atitudes, tanto das crianças como da professora, acabam por limitar a criação. Observei que na maioria das vezes as produções das crianças eram as mesmas, e quando algum colega fazia algo de diferente os outros queriam fazer igual, ou pediam: “faz pra mim?”.

Pude perceber que a aula de Artes é uma das mais esperadas pelos alunos, mas esta dúvida na execução das produções pode causar insegurança nas crianças deixando-as pouco à vontade para explorar suas linguagens. “Não sei desenhar” “isso pode emperrar sua intenção estética, se o educador não oferecer desafios para a conquista de sua poética pessoal.” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998. p. 114). A criança tem uma imaginação incrível favorecendo a não construção de estereótipos impostos pelo meio onde se inserem, podendo fazer a imaginação ‘casar’ com a arte, assim facilitar o trabalho do ensino da arte na educação infantil.

Durante meu percurso como estagiária muitas vezes percebi que as crianças diziam não conseguir realizar suas produções artísticas mesmo antes de tentarem. A professora de Artes do CEIM (Centro de Educação Infantil Municipal) na cidade de Criciúma – SC, onde estagiei quase dois anos em estágio não-obrigatório, precisava dialogar muito para que as crianças pudessem confiar nelas mesmas e fazerem as atividades com mais autonomia. Muitas vezes esse receio de produzir sem saber se está “certo” vem da influência de diferentes pessoas do convívio das crianças e também outros professores, que procuram ensinar o que acham que é certo e errado num desenho.

O ensino da arte na Educação Infantil no Ensino Fundamental I é a base para a construção da área da expressividade e essencial para a construção de um sujeito crítico. Um modo de instigar a expressividade e a imaginação é brincando e explorando os materiais. Através da arte podemos fazer com que os alunos consigam aprender mais sobre datas comemorativas que são impostas, muitas vezes, pela metodologia da escola sem que seja apresentada todo ano a mesma coisa.

Mostrar obras ou artistas que produzem algo referente ao assunto estudado e contextualizar com a realidade, pode tornar mais fácil a compreensão do aluno ao entender o porquê aprender sobre a data comemorativa escolhida como tema e o porquê estudar artes, assim ativando o alongamento das observações e percepções das crianças desde cedo.

Existem vários meios para a não construção de estereótipos. Começando pelas correções feitas nas produções dos alunos, correndo o risco de dar espaço para o estereótipo, isso faz com que as crianças parem de criar suas próprias linguagens com medo de não saber fazer o “certo”. Essas correções podem ser feitas, desde que saibamos onde e como opinar, a variação de materiais também nos ajuda a manter o estereótipo longe das salas de aulas.

## 1.1 METODOLOGIA

O problema da minha pesquisa é: Quais as possibilidades da não construção de estereótipos nas produções artísticas das crianças? A partir desta questão problema, trago meus objetivos geral e específicos, que irão me ajudar na pesquisa referente à minha escolha, que é: Perceber se existe ou não estereótipos nas aulas do ensino da arte no Ensino Infantil e Ensino Fundamental I; Olhar para metodologias de ensino da arte que promovam a não construção de estereótipos; Discutir a não construção de estereótipos no ensino da arte; Desenvolver estudos teóricos que apontem as potências do desenho nas Ensino Infantil e Ensino Fundamental e o espaço da imaginação das crianças.

A linha de pesquisa em que se insere é “Educação e Arte: princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação”<sup>2</sup>, do curso de Artes Visuais Licenciatura da Unesc. Quanto à natureza é básica e a abordagem é qualitativa, pois envolverá um processo de pesquisa que objetiva analisar os estereótipos construídos na metodologia do ensino da arte no Ensino Infantil e Ensino Fundamental I. A pesquisa será exploratória, com pesquisa de campo.

Para a realização da minha pesquisa, selecionei alguns estudos acerca da importância do ensino da arte; metodologias nas aulas de Artes; o desenho, a criança, que foram analisados referentes ao assunto que pesquisei. Fiz observações e registros de aulas de Artes, para poder desenvolver a pesquisa com embasamento teórico e de campo.

No primeiro capítulo começo falando sobre o Ensino da Arte e as Crianças, onde trago um pouco mais dessa realidade nas salas de aulas referentes ao ensino

---

<sup>2</sup>RESOLUÇÃO Nº 39/2014/COLEGIADO UNAHCE

da arte no Ensino Infantil e Ensino Fundamental I e qual a importância da arte na vida da criança. O ensino da arte faz parte do currículo da Educação Básica. No Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, trabalhar as linguagens das artes é mais complexo, porém existe uma forte aliada que é a imaginação das crianças, que potencializa as aulas trazendo mais intensidades.

Início o segundo capítulo abordando o Desenho e a Criança, falando um pouco sobre a importância do desenho na vida da criança e qual a influência que ele exerce sobre a construção do sujeito. O desenho é uma das formas de comunicação mais antigas, tendo como exemplo a arte rupestre, onde os homens das cavernas desenhavam nas paredes para narrar seus acontecimentos do dia-a-dia. Com o desenho, a criança pode nos apresentar o seu mundo imaginário e sua realidade, expressando seus sentimentos e pensamentos, assim facilitando sua comunicação e ao mesmo tempo sendo algo prazeroso, exercitando sua mente para linguagens autônomas e a construção de um adulto mais livre em relação às suas expressões.

Já no terceiro capítulo seleciono algumas propostas de metodologias e não construção de estereótipos, abordando também materiais que podem ser trabalhados de diversas formas para ampliar as possibilidades de criação aliadas a uma discussão sobre a não construção de estereótipos aulas de Artes. Logo em seguida trago um subcapítulo falando um pouco sobre os estereótipos e seus conceitos.

No quarto capítulo abordo sobre as aulas de Artes e não construção de estereótipos, comentando sobre a importância das aulas de Artes e sobre os materiais que são utilizados pelos professores em sala de aula.

Para o quinto capítulo comento sobre minhas observações que fiz em minha pesquisa de campo, que durante o projeto me refiro como “Saída de Campo”, contendo algumas informações sobre as escolas selecionadas, sobre as aulas de Artes, conteúdos que foram trabalhados em sala de aula e o uso de materiais para a elaboração das atividades. Em seguida faço minha análise de dados referentes às aulas observadas.

Para o capítulo sete, trago como proposta de curso uma roda de conversa, abordando os estereótipos nas aulas de Artes como o tema principal. Logo em seguida vem minhas considerações finais de minha pesquisa.

## 2. ENSINO DA ARTE E AS CRIANÇAS

Ao longo da história, o ensino da Arte passou por algumas transformações. Começando pela trajetória inicial em 1816 com D. João VI, criador das escolas técnicas através da Missão Francesa. Mas só em 1826 foi fundada a primeira escola técnica de desenhos; a Escola de Belas Artes. Naquela época, só estudava artes aqueles que tinham a vocação para ser artista. Em 1870 foi implantada a Arte na escola com o objetivo de preparar profissionais de desenhos técnicos para concorrer com a Europa em questão da comercialização.

O desenho geométrico e a cópia continuaram a torturar as crianças brasileiras, enquanto de 1890 a 1920 novos métodos de ensino da arte revigoraram as escolas americanas. Pela primeira vez, uma lei oficial apontava como principal finalidade da Arte na Educação o “desenvolvimento do impulso criativo”. (Committeon Drawingog National Education, 1899). (BARBOSA, 1995, p. 43)

No ano de 1920, o ensino da Arte nas escolas primárias se deu a partir da Escola Nova, como uma segunda língua, [...] “para expressar ou para fixar o que tinha sido aprendido nas aulas de geográfica e de estudos sociais” (p. 44). Mas o hábito de copiar ainda era usado pelas crianças. Em 1922, o movimento da Arte Moderna deu um grande passo para a renovação metodológica no campo da Arte-Educação. Através das teorias de Freud, a Arte infantil começou a ser valorizada. “Mario de Andrade e Anita Malfatti foram os introdutores das ideias da livre-expressão para a criança” (BARBOSA, 1995, p. 44).

A década de 30 foi tomada pela Escola Nova, que defendia a ideia de que o professor de Artes disponibilizava materiais para os alunos e a partir daí, apenas mediava as aulas sem influenciar na criação dos mesmos. Já em 1948, se deu ao surgimento das Escolinhas de Arte, “um movimento criado por Augusto Rodrigues no Rio de Janeiro” (PILLOTTO; SCHRAMM, 2001, p. 50). Essas Escolinhas eram ateliês que visavam aumentar o campo criativo e expressivo das crianças. “Foi uma época de supervalorização da livre-expressão” (p. 50).

É importante ressaltar que a obra adulta não estava presente nas salas de aula, nesse período, pois havia uma certa insegurança, por parte dos professores, de induzir as crianças ao ato de cópia, desestimulando-as a criarem suas próprias produções. E também com relação a uma possível frustração, por parte da criança, por não conseguir perfeição na cópia da obra adulta, sentindo-se incapaz e bloqueando sua vontade de criar e expressar. (PILLOTTO; SCHRAMM, 2001, p. 50)

Em 1996, o Ensino da Arte se tornou obrigatório, em todo o estado Nacional, na Educação Básica. A lei 9394/96 da LDB, no artigo 26, parágrafo 2º enfatiza que o Ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Assim, conforme a Proposta Curricular de Santa Catarina, o estudo da Arte é parte integrante do currículo da Educação Básica, que possibilita o desenvolvimento das crianças suas múltiplas habilidades; suas capacidades de agir, pensar, criar, recriar e sentir. A Arte é um artefato da cultura humana, das relações que o sujeito estabelece com o contexto, com os outros sujeitos que convivem com ele, tanto quanto com ele mesmo. (SANTA CATARINA, 2014).

A Arte também pode ser considerada como um conjunto de ideias e pensamentos, tornando capaz a compreensão da realidade social, pois o Ensino da Arte na Educação Básica não tem o papel de formar artistas, mas sim formar pessoas com entendimentos no modo geral. As experiências perceptivas fazem com que as pessoas comecem a perceber as coisas ao seu redor, como por exemplo, as texturas, as formas, as cores, os cheiros; aguçar a sensibilidade do olhar, pois a Arte nos permite “[...] vivenciar na sala de aula a emoção, a sensibilidade, o pensamento, a criação, seja através de nossa própria produção, seja através das obras dos mais diversos autores e artistas” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998,p. 1)

A Arte na educação tem um papel fundamental para a construção de um sujeito crítico e autônomo. Crítico em relação de ter argumentos para defender suas ideias e pensamentos, e autônomo em relação a ter segurança e convicção de que ele é capaz; questão de autoconfiança. “A Arte como linguagem, expressão, comunicação e produção de sentimentos trata da percepção, da emoção, da imaginação, da intuição, da criação, elementos fundamentais para a construção humana” (PILLOTTO; MOGNOL, 2007, p. 19).E é por esse motivo que não podemos desprezar o Ensino da Arte na Educação Básica.

De fato uma serie de desvios vem comprometendo o ensino da arte. Ainda é muito comum as aulas de Artes serem confundidas como lazer, terapia, descanso das aulas “sérias”, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998. p. 12).

Por isso afirmo que o ensino da arte é potência para fugir das imagens estereotipadas e para propor reflexões referentes às atividades planejadas. E é nesta perspectiva que se abrem possibilidades para os alunos, e a comunidade escolar como um todo, compreender o papel formador da arte na Educação Básica.

Trato aqui as Ensino Infantil e Ensino Fundamental I como as etapas da Educação Básica que vão desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental I, que atendem crianças na faixa etária de 6 à 10 anos. A Lei nº 11.114 de 2005, tornou obrigatória a inscrição de crianças de 6 anos completos depois do dia 31 de março no Ensino Fundamental I, ou seja, o Pré que antes pertencia ao Ensino Infantil, agora pertence ao Ensino Fundamental I.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, onde crianças de 0 a 6 anos, estão inseridas num ambiente escolar, em adaptação e em processo de desenvolvimento e conhecimento. Como já sabemos, a Educação Infantil é um espaço onde crianças, desde muito cedo convivem com pessoas diferentes, que não fazem parte de seus grupos familiares, e de culturas diferentes. Em muitos casos, as crianças passam mais tempo nas creches, do que com pessoas da própria família. Mas o que será que essas crianças fazem na escola? Eles apenas brincam? Aprendem o alfabeto? E as aulas de artes? Será que são realmente necessárias, já que as crianças só querem brincar, pular e correr? Como são essas aulas de artes? Desenham? Brincam com tintas guaches? E o que mais?

Nem todas as escolas de Ensino Infantil têm professores de artes habilitados em artes visuais. Existem escolas onde quem dá as aulas de artes são professoras formadas em pedagogia. No meu estágio obrigatório I, que foi desenvolvido em um CEI (Centro de Educação Infantil) particular, as aulas de artes eram ministradas pela professora pedagoga que me comunicou que às vezes fazia alguns trabalhos com guaches e giz de cera para “ensinar” artes, pois trabalhava mais o processo de alfabetização.

Durante meu período de atuação, pude perceber que as crianças tinham sede de aprender coisas novas, queriam descobrir e explorar novos materiais. Apresentei a mágica das cores primárias se transformando em secundárias, levei vídeos, livros de histórias infantis e contextualizei com suas rotinas diárias. As crianças dialogavam comigo a todo o momento e comentavam sobre que o faziam ou tinham feito naquele dia. Quando encerravam os encontros, ficavam tristes e ansiosos para saber o que iria levar para eles na próxima aula.



Já na escola em que fazia estágio não obrigatório no CEIM (CENTRO DE ENSINO INFANTIL MUNICIPAL), as crianças têm aulas de Artes desde os 2-3 anos de idade, com uma professora habilitada em artes visuais e pude perceber uma grande diferença entre os alunos da escola particular, as quais as aulas de artes eram atuadas pela professora pedagoga.

As aulas que eram ministradas pela professora de artes do CEIM, eram sempre motivo de festas para as crianças. Mas apesar dos alunos gostarem das aulas de artes, eles tinham medo porque diziam que não sabiam desenhar. Crianças de 4 e 5 anos, com imagens figurativas fixadas em suas mentes, fazia com que se sentissem inseguras de fazer algum desenho e não estar certo. Certamente todas as crianças eram assim, haviam alunos seguros e convictos, que aceitavam suas produções do jeito que sabiam fazer.

Eu sabia como aquelas crianças que tinham receio das aulas de artes se sentiam, porque eutambém era assim. Faz pouco tempo que consegui rever meus conceitos sobre desenho “perfeito” e artes, e sem dúvida quero que as crianças que tem medo de expor/mostrar e fazer suas produções sintam-se como me senti; liberta. Por isso defendo que a arte não é para aqueles que têm habilidades em desenhar ou pintar, mas sim para aqueles que possam se expressar, independente dos meios que usarem para fazer isso. Seja através do lápis ou papel, da tinta e a tela, das peças de teatros, das músicas, danças, performances, esculturas, fotografias e entre outras linguagens artísticas.

Pillotto e Mognol (2007) falam que “[...] um dos pontos básicos da arte no contexto da Educação Infantil é, sem dúvida, a educação do olhar” (p. 23). Que estejamos sempre com olhares atentos para descobertas e para o mundo que está a nossa volta. A arte nos propicia a ver a vida de um jeito diferente.

### 3.DESENHO E CRIANÇA

O desenho é uma forma de comunicação antiga. Desde os primórdios, a Arte sempre esteve presente na vida do ser humano, e um exemplo disto é a Arte Rupestre, onde os homens das cavernas desenhavam nas paredes para narrar seus acontecimentos do dia-a-dia, gerando uma forma de comunicação. Outro exemplo, agora um mais atual, são as imagens pictográficas/pictograma, símbolos que muitas vezes representam vagas e acentos preferenciais, indicam WC<sup>3</sup> femininos e masculinos, e entre outras inúmeras existentes.

Todo e em qualquer lugar do mundo, o desenho é a forma mais viável para se comunicar quando encontramos dificuldades.

Apesar de sua natureza transitória, o desenho, uma língua tão antiga e permanente, atravessa a história, atravessa todas as fronteiras geográficas e temporais, escapando da polemica entre o que é novo e o que é velho. Fonte original de criação e invenção de toda sorte, o desenho é exercício da inteligência humana. (DERDIK, 2015, p. 52)

Como podemos ver na figura 1 abaixo, um homem vestindo uma camisa regata com vários símbolos ou como já dita antes, no parágrafo acima, imagens pictográficas, para poder se comunicar no exterior, caso alguém não entenda o que ele estiver falando.

Figura 1- Homem de camisa regata com imagens pictográficas.



Fonte: <https://ogimg.infoglobo.com.br>

<sup>3</sup>Water Closet. Os ingleses costumam utilizar o WC para identificar os **banheiros públicos**, localizados em lojas de departamentos, e *shopping center*, isto porque este tipo de banheiro **não tem chuveiro**, somente o vaso sanitário.

Referência:Disponível em: <<https://www.significados.com.br/wc/>> Acesso em: 03 set. 2018.

E assim, como o desenho tem um grande significado na vida de pessoas, a influência que ele exerce no desenvolvimento cognitivo, criativo e expressivo de uma criança é significativa. A criança, quando muito pequena, muitas vezes se comunica por meio de desenhos, expressando seus sentimentos e pensamentos, assim, facilitando sua comunicação com os adultos, geralmente fazendo relações com o contexto onde se insere. Derdyk (2015, p. 129) enfatiza que “[...] o desenho é pensamento visual, adaptando-se a qualquer natureza do conhecimento, seja ele científico, artístico, poético ou funcional”.

Existem casos em que o desenho é visto apenas como um rabisco, mais conhecido como garatujas, que é um processo essencial para o desenvolvimento da parte motora, comunicativa e expressiva da criança. Cunha (2012, p. 31) diz que “[...] os rabiscos têm a mesma importância que a figuração [...]”.

Enquanto uma criança desenha, muitas vezes ela gesticula, fica se mexendo, fala sozinha, porque o desenho é uma linguagem visual que muitas vezes é mais fácil de ser compreendida por um adulto, mas jamais, em hipótese alguma, caso não entenda o desenho deve-se perguntar “*O que é isso?*” ou tentar adivinhar o que está rabiscado, mas sim, apenas pedir para relatar o que está na folha. Crianças realizam imagens referentes àquilo que faz parte de sua rotina, imagens que para elas, são objetivas.

Observar crianças desenhando, especialmente as de pouca idade, faz-nos deparar com meninos e meninas que se mexem, falam, gesticulam, cantam, locomovem-se, colorem e rabiscam enquanto desenhavam. Tudo isso entra na composição dos significados primários, secundários e nos conteúdos de seus desenhos. (LEITE, 2004, p. 73)

Mas muitas vezes os rabiscos não são interpretados de forma comunicativa. Quando interrompidas as linguagens expressivas das crianças, formas padronizadas são fixadas, mais conhecidas como imagens estereotipadas. E “é na intenção da criança com os objetos de conhecimento que no processo expressivo se constitui” (CUNHA, 2012, p. 16).

Em uma das minhas fases de vida estudantil, conheci diversas professoras de Artes. Algumas me inspiravam com suas didáticas, jeito suave de lidar e ensinar os alunos, outras me davam medo por sua rigidez, autoridade e muitas vezes, falta de paciência para apresentar aos alunos novas técnicas. Lembro-me de uma das minhas professoras de Artes do Ensino Fundamental I, que defendia a

ideia de que o desenho tinha que ser pintado com bastante força, sem que o branco do papel aparecesse; todos reclamavam porque os dedos doíam. Todos as produções tinham que ter margens de 3 cm por 1,5 cm e não podia pintar fora das linhas desenhadas. Tenho também muitas recordações de professoras de Artes que ensinavam técnicas maravilhosas. Antes de prestar o vestibular para Artes Visuais, tive o prazer de reencontrá-la no último ano do Ensino Médio, mas, porém, a ideia de desenho perfeito ainda prevalecia em minha mente.

A criança tem habilidade de aprender desde muito cedo, pois começa a perceber seu mundo em sua volta e com o seu desenvolvimento, tendo seu próprio ritmo, singularidade. Pillotto e Mognol (2007) complementam dizendo que “As crianças se expressam de forma autoral e singular; expressões pichadas de significado e indagação; expressões que resultam de uma trajetória autonomia, ao mesmo tempo particular e coletiva” (p. 50). Sua atuação na sociedade repercute em sua formação futura como adulto, ea arte cooperana construção do sujeito crítico.

Para a criança o mais importante é brincar. A brincadeira envolve linguagens e pensamentos que são essenciais para seu desenvolvimento. Neste sentido é fundamental permitir que a criança aproveite cada momento da brincadeira, sem se preocupar com nada, e se envolvendo na busca de novos mundos. Um exemplo de uma produção televisiva que envolve a criança e a convida para entrar no mundo da imaginação é o desenho da Dora Aventureira, um desenho infantil do canal Nick Jr<sup>4</sup> que conversa com o espectador sobre as aventuras de suas viagens com seu amigo macaco Botas.

As crianças têm oportunidades de exercitar as várias linguagens diariamente, sejam elas através de dramatizações, de brincadeiras ao ar livre, de construções sonoras, entre outras. Porém, é fundamental o envolvimento em um projeto que priorize as manifestações expressivas das crianças, oportunizando a produção de sentidos. (PILLOTO; MOGNOL, 2007. P. 218).

Para falar de criança, ressaltarei três pontos importantes: A criança tem habilidades para aprender desde cedo; entende o mundo ao seu redor; tem identidade própria. A construção de seus conhecimentos se dá a partir das suas experiências. Ao falar sobre criança e desenhos, aprendemos que o os pequenos

---

<sup>4</sup>A Nick Jr. é um canal de televisão paga com 24 horas dedicado às crianças em fase pré-escolar que promove o desenvolvimento infantil ao usar a filosofia “brincar aprendendo”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Nick\\_Jr.\\_\(Brasil\)>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nick_Jr._(Brasil)>) Acesso em: 05 set. 2018.

desenham conforme o meio onde estão inseridos, mas será que todos os desenhos infantis têm ligação com a realidade?

Nos primeiros anos de vida de uma criança, ela não consegue distinguir a realidade da imaginação, fazendo com que muitas vezes fiquem confusos com as coisas que acontecem em sua volta.

Recordo-me de uma brincadeira que fiz com os alunos do grupo 5B, do meu estágio não-obrigatório. Tanto os alunos quanto eu, estávamos cansados da rotina do dia-a-dia. Todos os dias perto das 17 horas, horários em que os pais começavam a chegar para buscar seus filhos na escola, a professora responsável pela sala colocava um filme para as crianças assistirem. Após dar o horário da professora, ficávamos apenas os alunos e eu na sala, até as 18h30.

As crianças ficavam no máximo 30 minutinhos vendo o filme, depois começavam a pedir para brincar, sendo que perto das 18 horas, todos teriam que ajudar a guardar os brinquedos, o que era a pior parte. Nesse dia inventei uma brincadeira para guardar os brinquedos sem se tornar aquela tortura para nós, crianças e eu. Chamei todos para ir a busca dos tesouros perdidos no meu barco. Eu era a capitã e as crianças eram os marujos/piratas. Todos que estavam na sala eram piratas, os brinquedos espalhados pelo chão eram os tesouros perdidos e as caixas de brinquedos eram os baús. Em uma das caixas de brinquedos tinham um cone de linha, que se tornou um binóculo para que pudéssemos achar os tesouros espalhados pelo chão. Durante a aventura em busca dos tesouros perdidos, para voltar para o barco para guardar os tesouros, tínhamos que passar por uma ponte improvisada, que em baixo dessa ponte tinham tubarões famintos. Todos que iam embora ao invés de falarem o famoso *tchau prô* eles falaram: - *Até mais capitã*.

Foi uma brincadeira incrível e foi divertido organizar a sala de aula com os pequenos. No dia seguinte, pais vieram felizes contar que seus filhos tinham relatado sobre a aventura da *busca dos tesouros perdidos* e que tinham adorado. A imaginação é uma função vital do cérebro humano. (HONORATO, 2007)

Essa associação do barco que era a sala de aula, a professora que era a capitã, os alunos que eram os marujos, os brinquedos eram os tesouros e as caixas dos brinquedos era o baú, faz com que a imaginação tenha relação com a realidade. Outro exemplo que aqui se encaixa é quando duas crianças brincam de salvar o amiguinho das lavas quentes para não morrer, enquanto na realidade um

está em cima do sofá e o outro no chão fingindo estar se pendurando pedindo socorro.

Ferraz e Fusari (2009, p. 92) salientam que “a atividade imaginativa se relaciona com a memória [...], pois resulta da reformulação de experiências vivenciadas e da combinação de elementos do mundo real”.

O que é ser criança e até onde vai à infância? Segundo o livro *Antropologia da criança* de Clarice Cohn (2005), a criança se desenvolve a partir do seu contexto sociocultural, ou seja, a ideia de criança pode ser cultural e social.

Em outras culturas e sociedades, a ideia de infância pode não existir, ou ser formada de outros modos. O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais, e uma antropologia da criança deve ser capaz de apreender essas diferenças. (COHN, 2005, p. 22)

O ser humano tem suas individualidades desde pequenos que resulta de uma criação de culturas diferente, pois “a diferença pode parecer sutil, mas defendo que o desenho seja *um* dos tantos elementos das *culturas das crianças*” (LEITE; OSTETTO, 2004, p.64). Para conhecer uma criança e saber o que é ser criança, precisamos conviver com elas, conversar, brincar, aprender e ensinar, é uma pesquisa constante e descobertas incríveis. É uma troca de saberes e experiências, pois na formação de professor, é essencial sempre estar atentos a quaisquer mudanças na educação, na rotina dos alunos e principalmente na evolução como um ser sensível cheio de curiosidade, com ricas imaginações dispostos a conhecer e aberto a experiências que o mundo que os cerca tem a oferecer.

### 3.1 ESTEREÓTIPOS

No decorrer desta pesquisa fala-se muito sobre estereótipos, mas, qual o conceito de estereótipo? Segundo LIPPMANN (2008),

É a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação. São usados principalmente para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade. Sua aceitação é ampla e culturalmente difundida no Ocidente, sendo um grande motivador de preconceito e discriminação. Conceito infundado sobre um determinado grupo social, atribuindo a todos os seres desse grupo uma característica, frequentemente depreciativa; modelo irrefletido, imagem preconcebida e sem fundamento. Estereótipo também é muito usado em Humorismo como manifestação de racismo, xenofobia, machismo, intolerância

religiosa e homofobia. É muito mais aceito quando manifestado desta forma, possuindo salvo-conduto e presunção de inocência para atingir seu objetivo.(p. 304)

Há muito tempo os estereótipos estão presente na sociedade de inúmeras formas. O estereótipo é como uma barreira entre realidade e conhecimento. Ele distancia a realidade por generalizar demais e acaba afastando as pessoas do verdadeiro conhecimento das coisas. Este é o padrão que está enraizado na educação quando crianças desenham sem parar para pensar como realmente as coisas são, e continuam reproduzindo sempre o mesmo desenho.

Nas escolas, podemos ver nitidamente o estereótipo fortemente impregnado, principalmente nas datas comemorativas, que já são enraizadas pela mente dos adultos, tanto pais quanto professores, aqueles moldes de EVA (*Etil Vinil Acetato*) disponíveis na internet. Silvia e Tatit (2003) falam sobre esses “adereços para a festa da primavera, junina, dia das mães, do índio, páscoa e por aí afora” (p.23).

Recordo-me de nas aulas de Artes, professores abordarem temas de datas comemorativas como, por exemplo, dia das mães, dos pais, festa junina, Páscoa, Natal e entre outros que fazem parte do nosso calendário. “Passados tantos anos desde minha infância, ainda existem professores que se utilizam do calendário de festas e comemorações para organizar suas aulas de Arte, convictos de que seja essa a única – e melhor – maneira de fazer” (GONÇALVES, 2010, p. 127).

Esses temas a serem trabalhados nas aulas de Artes nem sempre são da escolha do professor, muitas vezes é a própria metodologia da escola que exige ser apresentado nas salas de aula. Gonçalves (2010) salienta que “de fato acontece de coordenadores saírem em busca do professor de Arte sempre que se aproxima uma data ou um período em que se comemora algo” (p, 127).

Não é errado abordar esses temas no plano de aula, desde que seja feita uma adaptação para ser trabalhada na sala, uma relação entre a data a ser comemorada, com o contexto do aluno e principalmente com a disciplina de Artes. Caso isso seja banalizado das escolas, alunos vão acabar trazendo para a sala de aula seja um desenho de uma árvore de Natal ou uma carta para a mãe.

Ainda existem casos de professores levarem para dentro da sala de aula cópias prontas de imagens que se remetem às datas comemorativas para que os alunos apenas pintem, imagens que muitas vezes não condizem com a realidade das crianças. É muito importante que o professor pesquise e faça relação com o

contexto social do aluno, para que o estereótipo da mesmice não tenha força para continuar nas salas de aulas. Levar obras relacionadas ao assunto trabalhado, dar exemplos da realidade e rotina das crianças, farão com que elas saibam do que o professor está falando e o retorno esperado das aulas com certeza será muito satisfatório, principalmente porque as crianças dialogam com o professor a todo o momento.

E da mesma forma acontece nas aulas de Artes quando os alunos partem para a produção. O enfoque da minha pesquisa é refletir sobre os efeitos dos estereótipos nas aulas de artes nas Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, para provocar desde cedo à busca pela confirmação de seus desenhos, a partir de suas experiências vivenciadas como fonte de aprendizado, assim, de certa forma, gerando um afastamento dos estereótipos nas aulas de artes.

Uma das maneiras do adulto romper o estereótipo é resgatando sua expressividade e voltar a descobrir novos materiais, criando o inesperado, o imprevisto, o impensável, indo além de sua comodidade. Cunha(2012) enfatiza que “para que as crianças tenham possibilidades de se desenvolver na área expressiva, é imprescindível que o adulto rompa com seus próprios estereótipos” (p. 14).

Minha intenção não é dar a receita para a não construção de estereótipos, mas sim buscar saídas para que isso não permaneça com tanta força na escola, pois isso afeta diretamente os estudantes por se tornar uma ameaça para a ação criadora dos alunos.



#### 4.AULAS DE ARTES E NÃO CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

O livro Metodologia do Ensino de Arte, de Ferraz e Fusari (2009), apresenta algumas ideias de como fazer a intermediação da arte com o cotidiano dos alunos, oferecendo novas propostas para o estudo.

O que é observado e percebido nos passeios, nos caminhos de ida e volta à escola, nas brincadeiras, nos programas de rádio e televisão, na utilização do computador e da internet, está modificando e enriquecendo as experiências e vivências infantis. A principal tarefa do professor de Arte é ativar o alargamento dessas observações e percepções das crianças. (2009, p. 74)

Para que as aulas de Artes tenham significado é fundamental que os professores estejam sempre em busca de novas propostas metodológicas para serem apresentadas e desenvolvidas com seus alunos. “Entretanto, para desenvolver as competências no campo de arte de maneira significativa e com sentido para todos, é preciso ainda que haja sintonia entre os objetivos do professor e dos alunos.”(2009. p. 27)

Outra possibilidade que Ferraz e Fusari (2009) trazem é que “é bastante enriquecedor solicitar que as crianças levem para a escola materiais de casa ou da natureza que se refiram a um determinado assunto a ser estudado” (p.74), pois os materiais devem ser um desafio de exploração, porque a partir da curiosidade surgirá o conhecimento. Pedir para que as crianças levem coisas de seu dia-a-dia, que faça parte de sua vivência, assim fazendo a junção do seu cotidiano com a escola.

Essa diversidade de possibilidades para serem apresentadas às crianças das Ensino Infantil e Ensino Fundamental abre espaço para a não construção de estereótipos. Desafiar a criança pelo caminho da imaginação é permitir que ela saia da repetição diária com o uso da folha branca e do giz de cera, por exemplo. “Outro ponto importante é o contato da criança com as obras de arte e outros produtos artísticos” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 74). Mas devemos tomar cuidado com as cópias, conhecida nas aulas de Artes como releituras, pois me lembro de quando estava na Educação Básica algumas obras me marcaram por ter feito releituras, que eram ‘Os girassóis’ de Vincent Van Gogh, ‘O quarto de Van Gogh’ e ‘O Abaporu’ de Tarsila do Amaral.

Compreender a trajetória expressiva da criança é uma tarefa instigante. Os sistemas educacionais, as oportunidades oferecidas, os valores culturais, as predisposições genéticas coloreem de forma particular as produções, percepções e concepções artísticas das crianças. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998p. 94)

Para alguns professores do Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, a disciplina de Artes funciona como estimuladora apenas da coordenação motora das crianças, mas na verdade o ensino da arte favorece o entendimento da criança em relação a sua história como sujeito social, na construção de seu senso crítico e de seu olhar sensível. [...] “o ensino da arte respeita a criança na criação e recriação de conceitos e vivências, na afirmação e construção da individualidade e na interação dos sujeitos envolvidos no contexto social” (PILLOTTO; SCHRAMM, 2001, p. 48).

Aplicar diferentes metodologias, contextualizando o assunto que será trabalhado com a realidade das crianças, faz com que os estereótipos não tenham espaço nas produções dos alunos, assim dando início a não construção de estereótipos. Mas muitas vezes o ‘novo’ pode causar um estranhamento tanto para alunos quanto para professores, pois o comodismo é confortável e o novo nos tira da zona de conforto, nos fazendo pensar, analisar e refletir sobre o tema que será abordado em sala de aula. “[...] o professor que utiliza os estereótipos em suas aulas, despreza a capacidade de seus alunos e desvaloriza a disciplina enquanto conhecimento” (MIZIESCKI, 2015, p. 27).

O professor de Arte é aquele professor que oferece uma aventura para a descoberta do mundo para o olhar banalizado, seus métodos de ação nos ajudam a explorar nos ensinando de forma prazerosa, ministrando a aula fruitiva.

Cruz (2012) diz que:

Durante as propostas de atividades, o professor deve estimular o manejo de técnicas e materiais, assim como a exploração de novas possibilidades com materiais alternativos, aguçando o olhar crítico e criativo dos estudantes, a identificação com linguagens da arte e a busca e o encontro com o estilo pessoal de cada um. (p.18)

A não construção de estereótipos se dá a partir de ações metodológicas que permitem aos alunos refletirem e analisarem sobre o tema discutido, algo que gere um pensamento, uma crítica, com exploração de novas possibilidades do uso de materiais e inovando o que já existe. Isto é um processo que visa solucionar um dos maiores problemas encontrados na educação, principalmente nas aulas de

Artes. Pesquise, busque, crie, inove, renove, deixe o comum de lado e estabeleça um planejamento de qualidade para ensinar arte para as crianças, pois só assim se dá 'o ponta pé' inicial para a não construção de estereótipos na educação.

A ideia é esclarecer para professores de Artes que possam criar e pensar em novas metodologias. Evitando assim, a construção de estereótipos, considerando e aproveitando a imaginação da criança, percebendo o espaço da criança em seu âmbito escolar.

## 5.OBSERVAÇÕES REFERENTES À SAÍDA DE CAMPO

### Escola I - CEIM Eng. Jorge Frydberg – 6B.

Enquanto caminhava em direção a minha primeira saída de campo me veio um sentimento nostálgico, pois a escola escolhida para fazer a análise das aulas de Artes foi o CEIM (Centro de Educação Infantil Municipal) que fiz meu estágio não-obrigatório. Rever os funcionários e aqueles rostinhos conhecidos foi muito bom e me fez perceber que estou prosseguido no caminho certo referente à minha escolha profissional.

Para realizar a saída de campo a professora de Artes do CEIM assinou alguns documentos como à autorização de uso de imagem e fala, e embaixo peço para que a pessoa diga como gostaria de ser identificada na minha pesquisa.

A professora Mel, como pediu para ser identificada, do CEIM Eng. Jorge Frydbergé formada em Artes Visuais pela UNESCO há 12 anos e atua como professora desde 2005 pela rede municipal de Criciúma.

De acordo com asrealizações da saída de campo para maiores embasamentos práticos a minha pesquisa,observei duas aulas de Artes com o intuito de analisar se existem ou não estereótipos no desenvolvimento destas aulas. O local escolhido para a observação foi o CEIM Eng. Jorge Frydberg localizado no bairro São Cristóvão próximo ao centro de Criciúma. Com a turma da Educação Infantil 6B de faixa etáriaentre 5 e 6 anos. Professora Melfaz o uso de regrinhas básicas com seus alunos.Ao chegarem à sala de Artes, por exemplo, sentar nos banquinhos com as mãos para baixo, sem se debruçar em cima da mesa e colaborar com a professora na hora da explicaçãodo assunto que foi abordado em sala de aula.

Os alunos estavam aprendendo sobre os animais e a professora Mel relembrou a atividade do encontro anterior que foi estudado, o sapo, e que iriam aprender um pouco sobre outro animal.Aprofessora começou a aula questionando se os alunos conheciam algum animal que mudava de cor, falando a palavra*camuflagem*<sup>5</sup>. Achei que as crianças não saberiam o significadoda palavra,

---

<sup>5</sup>A camuflagem é o conjunto de técnicas e métodos que permitem a um dado organismo ou objeto permanecer indistinto do ambiente que o cerca. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Camuflagem>> Acesso em: 07 nov. 2018.

mas me surpreendi quando a grande maioria levantou a mão para poder explicar para a professora Mel o que era a camuflagem e qual animal fazia isso. As crianças deram o exemplo do Pascal, um camaleão de estimação da princesa da Disney Rapunzel do filme *Enrolados*. Este momento da ação da professora com as crianças traz à tona a ideia das autoras Feraz e Fusari (2009), quando dizem sobre a forma da aula: “Os procedimentos didáticos que melhor atendem essas perspectivas são aqueles que permitem aos alunos discernir o que se passa durante o processo criador e dar suas respostas aos desafios propostos pelo professor” (p. 145).

Contextualizando o assunto a ser estudado com o auxílio de dois livros infantis intitulados *Répteis* da Ciranda Cultural e *Calma Camaleão* de Laurent Cardon, contou a história dos livros para depois fazer a proposta de produção artística. Percebi, neste ato da professora (figura 2), uma metodologia que permite com que as crianças compreendam e se envolvam na atividade planejada. Além do auxílio dos livros infantis, a professora levou uma curiosidade científica sobre o real tamanho do camaleão, pegando uma régua para demonstrar o tamanho do animal, e que existem mais de 80 tipos de camaleões espalhados pelo mundo, principalmente na África, Ásia e Europa. Além desses materiais de base, a professora Mel trabalhou como referência a produção do artista regional Rodrigo Rizo<sup>6</sup>. Ênfase aqui que o artista é regional, porque a professora comentou que não adiantava apresentar aos alunos artistas de fora, se perto de nós existem tantos artistas que podem ajudar como base na realização das aulas, e por isso fazia questão de levar para a sala de aula artistas da região para que os alunos entendam e aprendam que os artistas moram pertinho deles.

---

<sup>6</sup>Rodrigo Rizo: Disponível em: <https://ndonline.com.br/florianopolis/plural/o-artista-plastico-rodrigo-rizo-e-o-autor-das-pinturas-dos-camaleoes-que-se-espalham-pela-cidade>> Acesso em: 10 nov. 2018.

Figura 2 – Professora contextualizando o assunto.



Fonte: Acervo pessoal

Durante a contação de histórias Mel caminhava pela sala, ao redor das mesas, mostrando as imagens para que todas as crianças pudessem observar e se apropriar da história. Quando terminou de contar a história a professora perguntou se alguém conhecia a cidade de Florianópolis, algumas crianças levantaram as mãos e até comentaram que têm parentes que moram lá. Ela contou que em Florianópolis mora um artista chamado Rodrigo Rizo que desenha camaleões nas paredes de diversas cidades, mostrando aos alunos algumas imagens impressas da obra do artista, expostas na parede da sala para que todas as crianças pudessem ver as imagens da obra.

Rodrigo Rizo é um artista plástico que grafita camaleões nas paredes por diversas cidades e países. Conforme a professora Mel foi colando as imagens na parede, ela perguntou se alguém saberia dizer qual o tipo de material que o artista usava para pintar os camaleões. Algumas crianças disseram pincel, caneta, lápis e apenas um deles disse a palavra *spray*. Durante a apresentação das obras do artista, a professora comentou que Rodrigo fez camaleões até fora do Brasil, questionando os alunos se já ouviram falar em Itália, Suécia e EUA (Estados Unidos da América), alguns levantaram a mão para indicar que já ouviram falar nesses países. O mesmo aluno que falou a palavra *'spray'* fez questão de lembrar a professora de que pintar muros com sprays pode ir preso. Na hora a professora chamou a atenção das outras

crianças para explicar para eles o que é grafite e o que é pichação. Explicou também que para fazer desenhos em muros e em prédios, como são algumas obras de Rodrigo Rizo, é necessária uma autorização para poder desenhar no lugar desejado.

A (figura 03) abaixo mostra obras dos camaleões de Rodrigo Rizo, escolhidas pela professora Mel para trabalhar o assunto, e que ela colocou na parede da sala de aula para que as crianças pudessem ver as imagens.

Figura 3 – Obras de Rodrigo Rizo expostas na parede.



Fonte: Acervo Pessoal

Após as explicações sobre o camaleão e o artista, chegou a hora da prática e já ouvi a famosa frase “Eu não sei desenhar”. Mel fez questão de deixar claro aos alunos que cada um tinha um jeito de desenhar o *seu* camaleão. O artista desenhava como ele sabia, e eles iriam desenhar conforme conseguissem. A professora comentou que se quisesse um camaleão igual ao do artista plástico, ela teria pedido cópias para eles pintarem, mas deixou claro que ela queria o camaleão deles. Para amenizar o desespero das crianças, Mel mostrou algumas produções dos alunos da outra turma, falando que todos conseguiram desenhar o camaleão.

Tinham camaleão gordinho, fininho, grandão e pequenininho e que agora era a vez deles desenharem o camaleão.

Entregou uma folha ofício A4 para todos e selecionou um aluno para ajudar a distribuir os lápis de escrever. As imagens das obras do artista ficaram, a todo o momento, na parede para que os alunos pudessem ir até elas e observar atentamente cada detalhe. As imagens a seguir (Figuras 04 e 05), mostram algumas produções dos alunos.

Figura 4 – Produção do aluno.



Fonte: Acervo pessoal

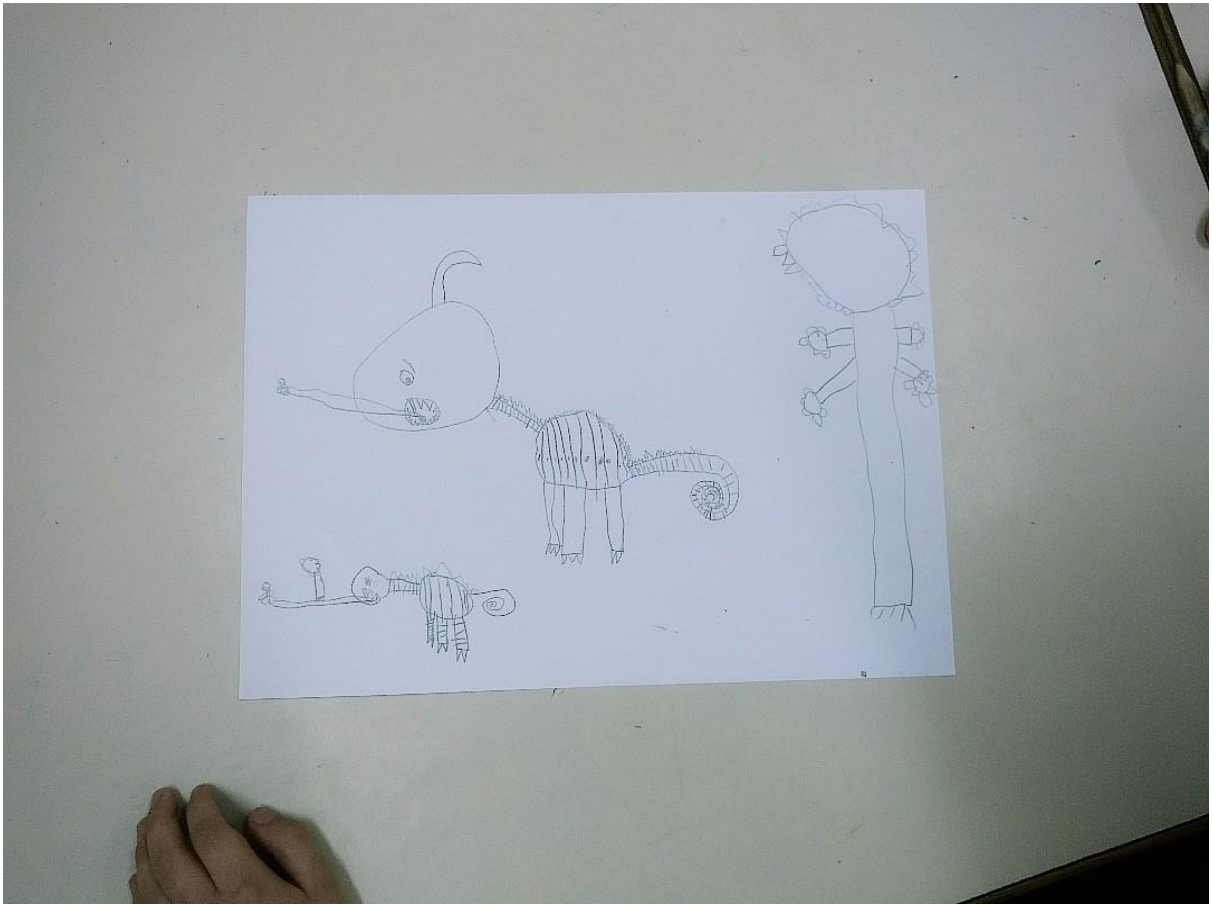
Figura 5 – Produção do Aluno



Fonte: Acervo pessoal



Figura 6 – Produção do aluno



Fonte:Acervo pessoal

A figura 06 em que uma aluna está observando as obras de Rodrigo Rizo expostas na parede da sala atentamente. Quando vejo estas imagens expostas e a ação da menina, me questiono: essas imagens poderiam estar servindo de modelo para a produção das crianças em desenhar camaleões? Talvezas induzindo a copiar as exatas formas do desenho do artista?As imagens expostas nas paredes conduziam as crianças a copiarem o camaleão e deixar a criatividade e imaginação de lado?Não seria uma releitura das obras de Rodrigo Rizo?

Figura 7 – Menina observando as figuras na parede



Fonte: Acervo pessoal

Durante a produção dos alunos, pediam orientação para a professora se estavam no caminho certo ou errado. “A criança vai fazer suas produções artísticas e descobrir a alegria da criação de arte quando o ambiente ou as pessoas souberem motivá-las” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 101).

Até aqui apenas relatei como foi a ação da professora durante a aplicação do conteúdo e agora vou relatar um pouco sobre a reação dos alunos quando souberam que a proposta era de desenhar o camaleão. De imediato aquela famosa frase soou na sala: “Eu não sei” e aqueles olhares assustados pensando em como

desenhariam o tal camaleão. Os olhos correram atentos em direção às imagens expostas na parede, prestando atenção nos detalhes dos camaleões do artista.

Eu caminhava pela sala enquanto as crianças desenhavam seus camaleões e a maioria parava de produzir quando eu me aproximava para olhar. Quando ia bater as fotos como registro da atividade, alguns colocavam as mãos na frente tentando esconder o trabalho, enquanto outros vinham em minha direção mostrar seus camaleões. No decorrer da atividade houve um choro porque a menina não estava conseguindo fazer a cabeça do camaleão maior, como a professora tinha pedido, por que o camaleão teria que ser recortado. Esta correção feita pela professora Mel pode ter aberto uma possibilidade para o estereótipo, pois a criança apagou a cabeça de seu camaleão que havia desenhado, para ir até as figuras expostas na parede e copiar a cabeça do camaleão, com medo de fazer de novo e estar “errado”. A busca pela aprovação da professora foi grande, porque estavam inseguros com seus desenhos, talvez porque nunca tinham desenhado um camaleão antes, mas logo depois as coisas foram se acalmando conforme as linhas desenhadas iam tomando forma.

### **Escola II– E.E.B. Joaquim Ramos – 5º ano.**

Devido à dificuldade de encontrar aulas de artes na Educação infantil, tive que mudar minha saída de campo ampliando para as Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, assim encontrando uma escola e professora que aceitou fazer a observação de sua aula, tendo como a turma disponível o 5º ano. Para poder realizar a observação da aula de Artes, a professora que é habilitada em Artes Visuais, ex-aluna do curso de Artes Visuais na UNESC, assinou o termo em que autorizava o uso de falas e imagens referente à sua aula e pediu que fosse identificada como Professora Jacqueline.

Para melhor embasamento de minha pesquisa, o intuito, assim como na observação da aula de Artes anterior, é analisar se existe ou não a construção de estereótipos em sua aula. A escola estadual fica localizada no bairro Michel, bairro vizinho ao centro da cidade de Criciúma.

A professora Jacqueline iniciou a aula lembrando do texto que tinha apresentado a turma no encontro anterior, que seria a continuação do tema; história em quadrinhos. Solicitou a um aluno para ir até a biblioteca pegar alguns gibis do

cartunista Mauricio de Souza<sup>7</sup>, para poder ter como ferramenta para a sua aula, mostrando que a história em quadrinhos tem duas formas de comunicação que é através do desenho e das falas. Levou algumas cópias, em folhas ofício A4, os tipos de balões usados nas histórias em quadrinhos e distribuiu para a turma algumas cópias.

Para que os alunos pudessem realizar a atividade proposta em duplas, a professora Jacqueline orientou aos alunos que fizessem um roteiro no caderno de desenho, antes de partirem para as folhas que foram distribuídas aos alunos, assim como mostra como exemplo a figura abaixo, a dupla de alunos fazendo o roteiro em um caderno de desenhos.

Figura 8 – Fazendo o roteiro



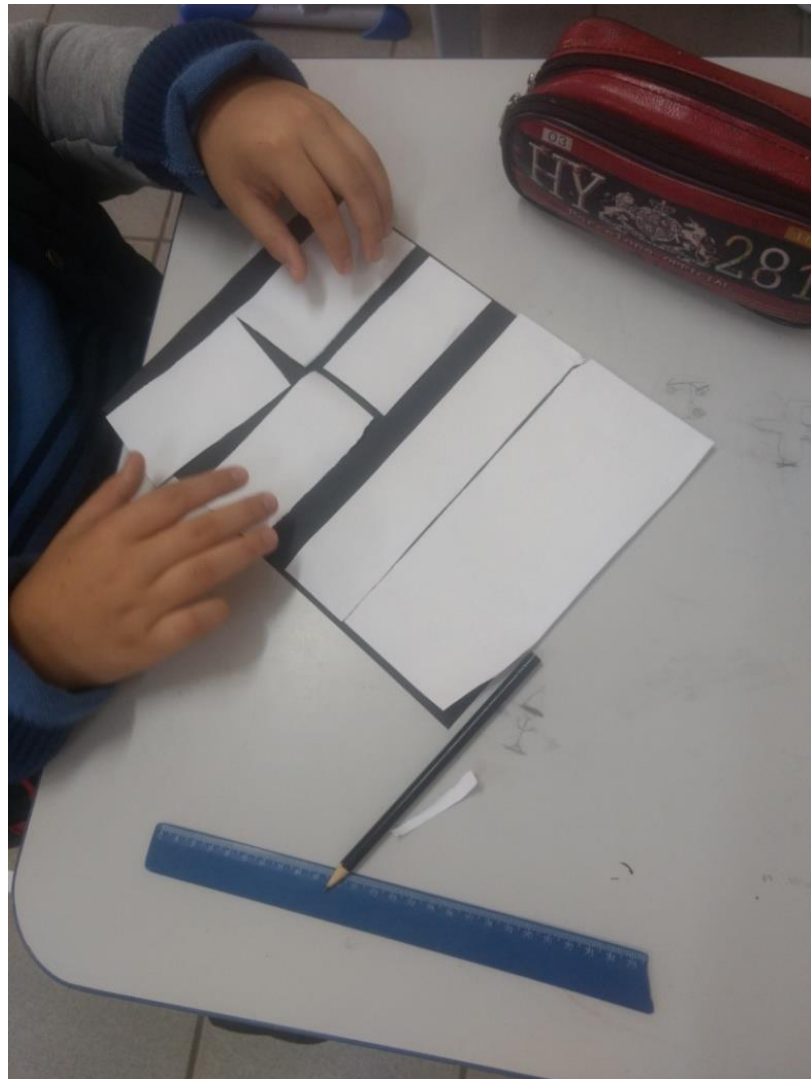
Fonte: Acervo pessoal

Para dar início à atividade a professora Jacqueline disponibilizou folhas coloridas para servir como fundo e folhas brancas para os alunos fazerem os diagramas (quadrados) da história que iriam desenvolver, assim como demonstra a imagem abaixo um aluno organizando os quadrados e retângulos que seriam usados para fazer sua história em quadrinhos.

---

<sup>7</sup>Mauricio de Souza: Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/mauricio\\_de\\_sousa/](https://www.ebiografia.com/mauricio_de_sousa/)> Acesso em: 05 nov. 2018.

Figura 9 – Composição dos quadrados.



Fonte: Acervo pessoal

O 5º ano tem duas aulas de Artes, porém não são aulas faixas, o que resultou em pouco tempo para a produção na aula observada. A professora Jacqueline deixou como referência para os alunos as histórias em quadrinhos (gibis) e as cópias dos tipos de balões que são usados pelos quadrinistas, o que pode ter servido como um modelo de cópias para os alunos, pois uma aluna tinha perguntado à professora Jacqueline se poderia copiar a capa da revista em quadrinhos que estava em suas mãos.

Figura 10 – Produção da história em quadrinhos.



Fonte: Acervo pessoal

Enquanto eu circulava pela sala para poder acompanhar as produções dos alunos do 5º ano, ouvi algumas crianças falando que não iriam conseguir fazer e que não gostavam de fazer histórias em quadrinhos. Os alunos aceitaram a proposta, sem nenhum espanto de imediato, talvez pelo fato de terem modelos de como se produz uma história em quadrinhos. Não tive muito tempo para conversar com a Professora Jacqueline para saber se ela havia feito alguma introdução sobre Mauricio de Souza. Ela apenas comentou que o tema Histórias em Quadrinho tinha sido solicitado pelo projeto da escola.

Em minha concepção, os exemplos escolhidos pela Professora Jacqueline serviram como uma “releitura” para a produção dos alunos. Pude perceber que as crianças ficaram presas aos gibis que estavam disponíveis em suas carteiras que limitavam suas criatividade. Esses exemplos levados para dentro da sala de aula podem se tornar um vilão para a área criativa e expressiva das crianças.

#### **Escola III – E.M.E.I.E.F. Pe. Ludovico Coccolo – 4º ano.**

A Escola Municipal Pe. Ludovico Coccolo fica localizada no Bairro São Luiz, próximo ao centro de Criciúma. Suas etapas de ensino são do Pré ao Ensino

Fundamental II. A turma selecionada para realização de minha observação foi o 4º ano, do Ensino Fundamental I, tendo como professora de Artes da turma, a Professora Frida, como pediu para ser identificada em minha pesquisa, que é habilitada em Artes Visuais, formada há 11 anos pela UNESC.

Os conteúdos trabalhados pela Professora Frida foram: o artista catarinense Franklin Cascaes, arte imaginária, nanquim e texturas. Assim que cheguei à sala, os alunos já estavam produzindo e aproveitei para conversar um pouco com a Professora Frida sobre a atividade proposta aos alunos para melhor entendimento da atividade que estava sendo realizada. Professora Frida comentou sobre a importância de trabalhar o lado criador das crianças, por isso escolheu o artista regional Franklin Cascaes<sup>8</sup>, que faz o uso da fantasia em suas obras. Como sua ferramenta para instruir os alunos a atividade que foi feita com folhas canson tamanho A4, palitos de churrasco e tinta nanquim. Ferraz e Fusari (2009) falam que “Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, faz parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida.” (p. 87). A ideia da atividade proposta foi a de criar seus monstros com diferentes texturas.

Nas mesas dos alunos havia lápis, para que as crianças pudessem fazer seus esboços, folhas canson, palitos de churrasco que serviam como lápis/pincel, tintas de Nanquim distribuídas em tampinhas e cópias com exemplos de texturas, para que as crianças pudessem usar em suas produções. “Mais do que quantidade de materiais, é preciso oferecer ricas oportunidades de aprendizagem. Para isso é preciso selecionar meios acessíveis à realidade, inventar possibilidades para os materiais existentes, inovar, ousar.” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 145)

A professora disponibilizou junto com os exemplos de texturas, uma imagem que pedia para os alunos observarem as texturas que nela se encontravam. Podemos ver essa imagem na figura 11, que está sobre a mesa das crianças.

---

<sup>8</sup>Franklin Cascaes: Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/dicas/dicas-de-cultura/quem-foi-franklin-cascaes.htm>> Acesso em: 05 nov. 2018.

Figura 11 – Materiais sobre a mesa.

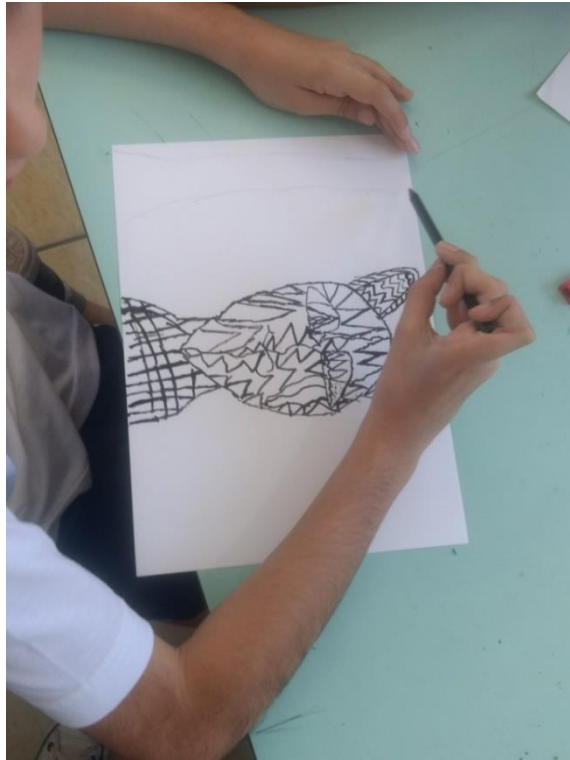


Fonte: Acervo Pessoal

Pude notar que os alunos do 4<sup>o</sup> ano eram muito criativos, em seus desenhos dava para ver a imaginação tomando conta do papel branco com tinta Nanquim. “Foi através da imaginação, que os alunos/as puderam criar outras realidades, transformá-las e recriá-las.” (UCKER, 2009, p. 96). As imagens abaixo mostram algumas das produções dos alunos de seus “monstros”.



Figura 12 – Produção do aluno.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 13–Produções dos alunos.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 14 - Produção da aluna.



Fonte:Acervo Pessoal

A atividade foi desenvolvida com muita calma pelas crianças, pude perceber que nada serviu como molde para a produção dos alunos, nem mesmo os exemplos de texturas, pois como podemos ver nas imagens acima, as crianças eram exploradoras de traços e criatividade. A Professora Frida falou que não descarta o uso de cópias em sala de aula, desde que elas não interfiram na ação criadora das crianças.

## **6. ANALISANDO OS DADOS: O PROFESSOR DE ARTES E O ESTEREÓTIPO EM SALA DE AULA.**

As observações feitas nessas três escolas apresentadas acima tiveram o objetivo de perceber se existe ou não o desenvolvimento de estereótipos nas aulas de Artes nas Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, tendo também minha questão problema como base de análise que é - quais as possibilidades da não construção de estereótipos nas produções artísticas das crianças?

A escolha dessas escolas se deu por serem escolas próximas a minha localidade. A escola I, o CEIM Eng. Jorge Frydberg, me conduziu a perceber o estereótipo já presente na Educação Infantil, principalmente o receio que as crianças tinham em fazer suas produções nas aulas de Artes. A escola II, Escola Joaquim Ramos, foi o local onde estudei grande parte da minha vida escolar, por isso selecionei essa escola, que foi onde sofri com os estereótipos nas aulas de Artes.

A partir dessas experiências com o estereótipo, resolvi fazer as observações nessas escolas com o auxílio de um caderno, caneta e câmera de celular para poder registrar as produções dos alunos durante as aulas. Pude perceber durante minhas observações das aulas de Artes que duas das três professoras não tinham por costume usar métodos inovadores de materiais para suas aulas. Começando a analisar pelos tipos de materiais usados pelas professoras das escolas I e II que fizeram o uso da folha ofício A4 e lápis de escrever, enquanto a professora da escola III optou por inovar usando uma folha de gramatura maior, palitos de churrasco e tinta nanquim, para que os alunos pudessem experimentar esses materiais que foram explorados pela professora Frida. Essa exploração/inação do uso de diferentes materiais em salas de aulas faz com que uma grande porcentagem da não construção de estereótipos aconteça.

É importante o professor ir à busca de pesquisas que auxiliam na melhoria de suas aulas, que fazem relação do tema que será levado para dentro da sala de aula com a vivência da criança.

Outro ponto que aqui destaco é sobre a imaginação. A professora da escola III fala sobre a importância da imaginação na sala de aula, dar importância a imaginação da criança, deixar a criatividade fluir sem barreiras. Levar curiosidades científicas quando se trata de assuntos de animais, como foi o caso da professora da escola I, que levou um pequeno trecho falando sobre o real tamanho do camaleão.

Isso gera uma curiosidade pela parte dos alunos em saber como realmente é um camaleão, e sua imaginação vai construir um camaleão em sua mente do tamanho em que a professora demonstrou na régua. Mostram-se professoras pesquisadoras, pois tiveram que pensar no tema que iria ser trabalhado e como isso poderia ser apresentado aos alunos.

Pude notar que os vários exemplos que serviram como modelos para as atividades da escola II dificultavam a área expressiva e criadora das crianças. Os alunos tinham muitas informações de como deveriam fazer sua história em quadrinhos, pois os modelos diziam como era o “certo” a ser feito.

Desta forma, compreendi, ao longo dessas análises, que o estereótipo está presente no âmbito escolar, mas existem profissionais que estão inovando suas ações metodológicas a favor da não construção de estereótipo, porém, outros ainda se aderem a modelos que prejudicam a área criativa para conduzir as aulas, não se preocupam, e talvez nem percebam, que o estereótipo está presente em suas aulas.

## **7. RODA DE CONVERSA: A CRIANÇA E O DESENHO: PENSANDO A NÃO CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NAS AULAS DE ARTES.**

**TÍTULO:** A NÃO CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NAS AULAS DE ARTES NO ENSINO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL I.

**EMENTA:** Reflexões sobre o Ensino da Arte. A busca por diferentes métodos de ação na sala de aula. Distanciamento do estereótipo nas produções infantis.

**CARGA HORÁRIA:** 4 horas

**PÚBLICO-ALVO:** Professores de Artes de Ensino Infantil e Ensino Fundamental I e os demais interessados pelo assunto.

### **JUSTIFICATIVA:**

A roda de conversa terá como base a problemática: Quais as possibilidades da não construção de estereótipos nas produções artísticas das crianças? Levando professores de Artes a repensarem suas percepções sobre crianças criadoras, e desta forma instigá-las a uma auto-análise sobre suas aulas a partir da ideia do potencial da arte na vida de uma criança.

Schmidt (2007, p.244) enfatiza que:

Alimentar estereótipos é, no mínimo, uma ação não educativa. Entretanto, dirigí-los às crianças, a seres ainda em formação, é criminoso do ponto de vista psicológico. Nenhum educador está autorizado a fazer isto, mesmo que tal prática ainda possa ser constatada em nossas escolas.

O foco desta roda de conversa é a valorização da arte nas Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, ações metodológicas para a não construção de estereótipos e potencialidade da criação e imaginação da criança. É importante saber selecionar os conteúdos trabalhados e quais as ferramentas de auxílio que usará para contextualizar o conteúdo com o contexto social para melhor entendimento do aluno.

### **OBJETIVO GERAL:**

Oportunizar e ampliar ideias sobre o afastamento do estereótipo em sala de aula, estimulando a pesquisa por diferentes atuações nas aulas de Artes.

**OBJETIVOS ESPECIFICOS:**

- Estimular professores à pesquisa de novas metodologias de ensino;
- Reconhecer a potência da arte nas Ensino Infantil e Ensino Fundamental I;
- Refletir sobre a não construção de estereótipos nas produções das crianças.

**METODOLOGIA:**

A roda de conversa se desenvolverá em um período noturno, para que professores possam participar do encontro que irá abordar assuntos sobre desenho, criança, infância, imaginação, aulas de Artes, diferentes ações metodológicas para a Educação Infantil, datas comemorativas e não construção de estereótipos nas produções infantis.

Durante a roda de conversa falarei sobre minha experiência como aluna, acadêmica de artes e estagiária. Contando um pouco sobre a influência do estereótipo enquanto aluna da Educação Básica, a desconstrução de desenho perfeito durante a caminhada como estudante universitária e o meu olhar como estagiária, estudante de arte e sobre o estereótiponas aulas de Artes.

Será apresentado um vídeo intitulado “Arte e educação - Exercício de Percepções Múltiplas” que aborda sobre os estereótipos na educação, que servirá como auxílio para abordar o assunto desejado e para melhor entendimento da ideia apresentada. Acredito que servirá como enriquecimento e encorajamento para que professores pesquisem, busquem informações para melhor entendimento dos alunos no conteúdo trabalhado em sala de aula.

Ao final, será aberto um espaço para que o público presente possa interagir comentando algo sobre o que foi discutido ou até mesmo perguntas. Um momento de diálogo entre os participantes.

**Referência da Roda de Conversa:**

Vídeo: Arte e educação -- exercício de percepções múltiplas: Patrícia Scalonat TEDxUnicampWomen.Disponívelem:<<https://www.youtube.com/watch?v=F61kdgpYR4Q>>Acesso: 01 de Nov. 2018.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o ensino da Arte no Ensino Infantil, Ensino Fundamental I sobre estereótipos é polêmico e um assunto muito empolgante, por isso esta pesquisa não terá um fim, pois poderá servir como ponto de partida para outras pesquisas que irão abordar este assunto, e a cada ano, a educação passa por mudanças e os professores estarão sempre em busca de aperfeiçoamentos e pesquisas para estar numa sala de aula. É uma inquietação, uma luta constante pela qualidade da educação no país. “Os professores, em sua formação, necessitam de conhecimentos para transpor suas vivências para a sala de aula” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.140-141).

Encontrei algumas dificuldades para realizar minha saída de campo, pois estava em busca de aulas de Artes apenas na Educação Infantil, porém não são todas as instituições de Ensino Infantil que encontramos professores habilitados em Artes. Projetos pedagógicos de creches exigem a disciplina de Artes, mas geralmente são ministradas por professoras pedagogas. Outras instituições aderiram à disciplina de musicalização infantil. Por isso, na reta final de entregar o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) decidi ampliar minha pesquisa para Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, para poder facilitar minha busca pelas aulas de Artes, que é à base de minha pesquisa.

Em uma das minhas saídas de campo, logo que entrei na escola, fui abordada por uma professora de Educação Física me questionou o que eu iria fazer, e comentei que realizaria observações das aulas de artes da professora Mel para minha pesquisa de TCC e ela me perguntou o tema. Assim que falei o tema, me relatou que sempre teve traumas das aulas de artes porque dizia que não sabia desenhar e que as aulas de Artes eram apenas para quem sabia desenhar. Concluiu falando que depois de adulta compreendeu que Artes não são apenas desenhos.

Esta pesquisa me fez refletir o quanto é amplo trabalhar a arte nas Ensino Infantil e Ensino Fundamental I, pois antes minha visão era apenas tipos de cores e formas, o que via em sala de aula enquanto aluna, e que os problemas aqui apresentados sejam amenizados com um ensino de qualidade melhor e a valorização da Arte seja como a das demais disciplinas da Educação Básica.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix Ltda., 1995.

BRASIL. Lei n. 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *As artes no universo infantil: A importância das artes na infância*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CRUZ, Breno Stern. **ESTEREÓTIPO NA ARTE EM SALA DE AULA**. 2012. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; Maria F. de; FUSARI. **Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Rev. e Ampl., 2009.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio. **Entre linhas, formas e cores: Arte na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

HONORATO, Aurélio Regina de Souza. *As experiências com literatura no relato das crianças: Abrindo espaços de narrativas*. 2007. 89 f. **Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2007**.

LEITE, Maria Isabel. *A criança desenha ou o desenho criança?: A resignificação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus desenhos*. In: OSTETTO, Luciana E.; LEITE, Maria Isabel. **Arte, Infância e Formação de Professores: Autoria e Transgressão**. Campinas, Sp: Papyrus, 2004.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gusa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do Ensino da Arte: A linguagem do mundo. Poetizar, Fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD S.A., 1998.

MIZIESCKI, Mikael. **(DES)CONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: UMA CONVERSA COM PROFESSORAS DE ARTES E PEDAGOGAS DA REGIÃO DA AMESC**. 2015.

98 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2015.

PILLOTO, Silvia Sell Duarte; MOGNOL, Letícia Coneglian. A arte no contexto da educação infantil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ufsm, 2007.

PIOLLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões sobre o ensino da arte**. Joinville, Sc: Univille, 2001.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretária da educação básica. **Proposta curricular de Santa Catarina**. Florianópolis, 2014, p.101.

SILVIA, Maria; TATIT, Ana. **300 propostas de artes visuais**. 1 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

UCKER, Lilian. Entre o real e o imaginado: desenhos de espaços escolares. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ufsm, 2009.

## APÉNDICE

## APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Eu, Gabriela Duzzioni Pinheiro, portadora do RG 6.305.195, acadêmica da 8ª fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, venho por meio desta solicitar a autorização para realizar observações nas aulas de Artes desta instituição, para o trabalho de pesquisa de conclusão de curso (TCC), que busca analisar **o pensamento da não construção de estereótipos nas aulas de Artes**. A ação envolve observações das aulas de Artes da Educação Infantil de diferentes professores habilitados em Artes Visuais.

Atenciosamente,

---

Assinatura da pesquisadora

---

Assinatura da orientadora

Criciúma, ..... de setembro de 2018


**APÊNDICE B -Autorização dos entrevistados para o uso das falas****AUTORIZAÇÃO**

Eu,.....  
....RG.....(nº da Identidade), estou de acordo a  
participar de uma pesquisa que busca analisar **o pensamento da não construção  
de estereótipos nas aulas de artes**, autorizando assim, o uso de minhas falas para  
uso desta pesquisa.  
Atenciosamente,

---

Assinatura  
Criciúma, ..... de setembro de 2018

### APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<b>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC</b> <b>CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</b>
---	--

Eu, (NOME), \_\_\_\_\_ (ESTADO CIVIL),  
 \_\_\_\_\_ (PROFISSÃO),  
 portador(a) da carteira de identidade nº (NÚMERO), \_\_\_\_\_ expedida  
 pelo (ÓRGÃO EXPEDIDOR), \_\_\_\_\_ inscrito(a) no CPF sob o nº  
 (NÚMERO) \_\_\_\_\_, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),  
 \_\_\_\_\_

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da  
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Gabriela  
 Duzzioni Pinheiro do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof.  
 Aurélia Regina de Souza Honoratopara que o mesmo os disponibilize como dados  
 da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima  
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos  
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

\_\_\_\_\_